

# IGREJA & SOCIEDADE

*O desafio de ser  
cristão no Brasil do século XXI*

RUBEM MARTINS AMORESE

# IGREJA & SOCIEDADE

*O desafio de ser  
cristão no Brasil do século XXI*



**Editora Ultimato**  
Viçosa, MG

---

Copyright © 1998 by Rubem Martins Amorese

Projeto Gráfico:  
*Editora Ultimato*

2ª Edição:  
*Julho de 2000*

Revisão:  
*Bernadete Ribeiro*

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação  
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

---

Amorese, Rubem Martins, 1951-

A524i  
1998 Igreja & Sociedade; o desafio de ser cristão no Brasil  
do século XXI / Rubem Martins Amorese. — Viçosa :  
Ultimato, 1998.  
136p.

ISBN 85-86539-10-4

1. Igreja e problemas sociais. 2. Ética cristã. I. Título.

CDD. 19.ed. 291.1783

CDD. 20.ed. 291.1783

---

2000

Publicado com autorização e com todos os direitos reservados

EDITORA ULTIMATO LTDA.

Caixa Postal 43

36570-000 Viçosa - MG

Telefone: (31) 891-3149 - Fax: (31) 891-1557

E-mail: [ultimato@homenet.com.br](mailto:ultimato@homenet.com.br)

*Aos meus queridos pais, Evaldo e Marina, incansáveis referenciais de família, com quem tenho aprendido o significado de 2 Coríntios 6.4-10.*

## *Sobre o autor*

---

Rubem Martins Amorese é um paulistano criado no Rio, onde formou-se em Comunicação Social e Literatura Francesa. É mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília e pós-graduado em Informática pela Universidade Católica de Brasília. É presbítero na Igreja Presbiteriana do Planalto. Tem ensinado na Faculdade Teológica Batista de Brasília desde 1982. É membro da Fraternidade Teológica Latino-americana e da Associação Evangélica Brasileira — AEVB, presidente da Missão Social Evangélica — Comunicarte e do Diretório Regional da Sociedade Bíblica do Brasil, em Brasília. Secularmente, é Consultor Legislativo no Senado Federal. Entre seus livros publicados, citam-se:

- > Imagem e Semelhança
- > Celebração do Evangelho
- > Meta-História
- > Icabode
- > Sexo e Felicidade
- > Excelentíssimos Senhores

## *Sumário*

---

<i>Prefácio</i>	11
<i>Apresentação</i>	15
1. A síndrome do escorpião	19
2. Marionetes de Deus?	39
3. Entre o eclesiástico e o espiritual	47
4. Confissão e cura	59
5. Eticorragia	83
6. A Aids e as campanhas governamentais	89
7. Inteligência emocional e família	93
8. A modernidade e o neomonasticismo evangélico	117



## *Prefácio*

---

Apenas algumas décadas se passaram dos tempos em que havia tempo para se assimilarem as mudanças sociais. O que os pais aprendiam era verdade para toda a vida e era passado para os filhos sem dúvidas ou conflitos emocionais e psicológicos. Os perigos que preocupavam os pais eram de natureza moral e material. Não que houvesse grande esforço dos filhos para entender ou questionar essa moral, mas porque os pais sabiam que ela era difícil de ser obedecida. A questão do certo e errado estava mais ou menos resolvida. A reação familiar, social e eclesial ao rompimento das regras preestabelecidas era bem definida. As grandes dúvidas existentes numa família comum estavam escondidas nos mistérios da religião. Como todos aceitavam as afirmações dos líderes religiosos, o problema estava resolvido. O tempo passou e está passando. Chegamos a uma nova realidade no que se refere a valores, conceitos de certo ou errado, relações familiares e eclesiais.

A Igreja e a sociedade sempre sofreram quando das grandes passagens históricas, chamadas, às vezes, de revolução. Deus nos mostra, tanto na sua Palavra como através dos seus profetas, os perigos, desafios e esperanças para a sua Igreja nos tempos modernos. Numa floresta de publicações nas áreas de filosofia, psicologia e religião, achamos uma infinidade de caminhos apontados. Temos a inclinação de não fazermos escolha ou de fazermos uma grande mistura. Neste livro, Rubem Amorese nos chama de volta ao princípio, à entrada do labirinto. Antes de entrarmos novamente no labirinto, devemos pegar o mapa para podermos enfrentar as inúmeras bifurcações que encontraremos pelo caminho. O mapa nada mais é que a Palavra de Deus, imutável em seus valores e princípios. Uma Palavra que não está presa a costumes, culturas e épocas, mas que se manifesta através do Espírito para ensinar-nos a andar e lutar em qualquer tempo ou situação. A palavra que foi encarnada em nosso Senhor Jesus Cristo.

No seu zelo profético, Rubem trata de várias situações de conflitos vividas pela sociedade e pela Igreja, conflitos esses que tendem a se agravar no próximo século. Mostra a polarização entre o cristianismo do sucesso e da prosperidade, onde a dor é vista como maldição, e o cristianismo franciscano, do sofrimento e das lutas. O alerta é na direção da perseverança que nos traz esperança. Uma esperança que nos leva a crer no futuro e a trabalhar para deixar uma boa herança para os nossos filhos. Herança de amor, respeito, solidariedade, zelo pela natureza. Tudo isso à luz dos ensinamentos de Jesus. Apresenta-nos, também, que a visão cristã sobre sofrimento não é desesperadora, e sim animadora, e que o sofrimento tem um papel na nossa formação. Alerta-nos para os perigos da prioridade dada ao sucesso e para a necessidade de centrarmos nossos valores no Reino, sujeitando a prosperidade aos valores bíblicos e não aos nossos desejos de glória e poder. A relação problemática entre pais

## PREFÁCIO

e filhos é denunciada, e o papel dado por Deus para ambas as partes é apresentado conforme as escrituras. A paternidade responsável é apontada como outra área da vida cristã a ser resgatada.

Outra preocupação do autor está na distinção entre o eclesialístico e o espiritual, na confusão entre ser um bom participante nas atividades da igreja e ser uma pessoa realmente devota. Devemos nos preocupar mais com o que somos do que com o que aparentamos. Precisamos resgatar nossa identidade como Igreja na sociedade. Qual a missão da Igreja? Como indivíduo, qual o meu papel no corpo? Qual a minha missão? Na volta às escrituras e ao altar de Deus, descobriremos as respostas. Esse livro nos chama a cultivar a glória da adoração e a não deixá-la desvanecer.

Uma das grandes questões existentes no nosso meio eclesialístico é a soberania de Deus versus o livre arbítrio. Não que isso esteja, atualmente, causando grandes problemas. O Cristão sincero, porém, sempre levanta grandes dúvidas sobre o seu papel e sobre as responsabilidades de Deus. O capítulo Marionetes de Deus apresenta uma visão bem equilibrada a respeito desse tema.

Quem vai até o altar de Deus não poderá evitar a revelação do seu pecado. Quem quer fugir do seu próprio pecado acaba fugindo de Deus. A saúde espiritual, individual e comunitária sempre foi vinculada à comunhão com o Pai. Deus nos apresenta um caminho para nossa cura interior: a confissão. Esse item é tratado neste livro com muita felicidade e fundamentação bíblica. O autor mostra que, sem confissão dos pecados, não há cura, e seremos mais facilmente levados pela avalanche da modernidade.

Incontáveis opções são apresentadas pela modernidade para a exacerbação do individualismo que não nos dá identidade e para, ao mesmo tempo, abraçar escolhas de massa que não nos trazem coletividade e solidariedade. Para combater essas propostas isolacionistas e massificadoras, surgem, na

Igreja, pessoas que chamam os cristãos de volta à adoração ao Criador, onde encontraremos a nossa identidade. Na presença do nosso Deus, conheceremos o nosso próximo em sua intimidade e necessidades. Com o próximo poderemos exercitar a comunhão que, além de coletiva, é cooperativa. Essa adoração nos levará à calma do altar de Deus, em solitude, onde poderemos discernir suas orientações e saciar nossos corações. Rubem Amorese alerta para que o retiro espiritual seja realmente um alimento para a alma e não se torne um isolamento ou fuga, um intimismo que nos retire do mundo real.

O problema ético existente em todos os meios da nossa sociedade é apresentado como um dos grandes inimigos da nossa formação e espiritualidade. Rubem, como pessoa que trabalha diariamente junto ao poder político, percebe esse problema como poucos. A mídia, as autoridades e o poder econômico estão sendo poderes utilizados contra a justiça e em favor dos poderosos. Apresenta essa realidade desafiadora para que a Igreja possa reagir, a partir de suas próprias entranhas, contra as injustiças decorrentes da falta de ética na sociedade e na própria comunidade eclesial.

Um dos maiores problemas na nossa vida comunitária, talvez o maior, é o do relacionamento nas nossas famílias. Os relacionamentos doentes e a falta de compromisso trazidos pelo individualismo egoísta têm destruído as estruturas emocional, espiritual e psicológica dos nossos filhos. A falta de tempo, trazida pela necessidade imposta de se provar de tudo, tem privado as crianças, adolescentes e até adultos de uma saúde interior. No capítulo Inteligência Emocional e Família, o autor denuncia essa realidade e nos convoca à reação.

Assim como o conhecimento desses ensinamentos, enriquecidos na convivência com Rubem Amorese, tem edificado a mim e à minha casa, rogo ao Senhor que estenda essa dádiva ao leitor e à sua Igreja.

## *Apresentação*

---

Transportou-me o anjo, em espírito, a um deserto, e vi uma mulher montada numa besta escarlata, besta repleta de nomes de blasfêmia, com sete cabeças e dez chifres. Achava-se a mulher vestida de púrpura e de escarlata, adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas, tendo na mão um cálice de ouro transbordante de abominações e com as imundícias da sua prostituição.  
(Ap 17.3-4.)

Cheguei a pensar que o *Excelentíssimos Senhores* seria meu último livro. Um livro com boas chances de encalhar nas prateleiras e dar prejuízo à Editora Ultimato por vários motivos. Primeiro, porque é um livro grosso, e a crença de que evangélico não lê livros grossos é corrente. Segundo, porque é um livro de reflexões, oferecido a um público que, diz-se, não gosta de pensar. Terceiro, porque é uma coleção de artigos, sem uma história única, o que cheira a esses discos em que cantores conhecidos regravam suas músicas e incluem uma ou duas novas, obrigando os fiéis consumidores a pagar por um “novo velho disco” (para levar duas ou três músicas).

Pois bem, eu estava errado em pensar assim. Era tudo preconceito. E isso fica claro com a reedição, em menos de 1 ano, do *Excelentíssimos senhores*. E tem mais: pelo que pude saber, o povo não somente comprou, mas leu. Diante de tudo isso, me ocorreu um pensamento profundo: “por que não?”. Pronto! Estava nascendo o presente trabalho.

*Igreja e sociedade* é, em alguns aspectos, parecido com *Excelentíssimos senhores*. É uma coletânea de reflexões independentes, das quais algumas já publicadas em revistas evangélicas. Também o motivo pelo qual estão aqui é o mesmo: as pessoas não têm acesso a todas as revistas pelas quais nosso pensamento vai sendo pulverizado. Nem poderiam. Assim, a coletânea tem um valor próprio — o de ser uma coletânea.

Mas há algumas diferenças também. Este trabalho contém um único tema, bem menos disperso que o do anterior. Os textos têm uma afinidade maior, no sentido de permitirem uma seqüência. Com um pouco de esforço, teria sido possível eliminar os vestígios de isolamento dos textos, de forma a dar inteireza ao trabalho. Mas eu não quis isso. Descobri que os textos mais ou menos estanques permitem uma leitura diferente. Primeiro, a pessoa não precisa ler o livro todo; leu um capítulo, entendeu. Segundo, não é obrigatória uma ordem de leitura do tipo “começa na primeira página e termina na última”, para compreender seu conteúdo. Cada capítulo tem seu próprio conteúdo, que será enriquecido, é claro, pelos demais. Ou seja, há vantagens em manter os textos estanques e, ao mesmo tempo, complementares.

Outra característica própria deste trabalho é que ele contém, como os discos do mercado fonográfico de que já se falou, “faixas inéditas”. Dos oito capítulos, cinco foram escritos especialmente para produzir o sentido global que pretendi dar à obra, no sentido de fazer jus à proposta que justifica o título.

A linha mestra deste trabalho já vem de longe. Surge de uma necessidade visceral de integrar a fé à vida cotidiana.

## APRESENTAÇÃO

Vem da busca quase frenética de caminhos para a igreja, atividade chamada por alguns de “teologia do caminho”. Isso quer dizer que estamos expondo, nas páginas seguintes, nossa própria caminhada. Não se trata, portanto, de um livro teórico, no sentido de que aborde assuntos importantes, mas distantes. Ele reflete as vivências e experiências do dia a dia pessoal e da igreja onde congrego. Igreja encravada numa cidade moderna, lutando para encontrar modos e meios de manter vivo o testemunho do Cordeiro. Há momentos em que o *front* dessa batalha encontra-se fora dos portões; momentos em que a igreja tem de pensar em missão, seja na cidade, seja “até os confins da terra”. Mas há momentos, também, em que o *front* está dentro dos portões e as lutas assumem uma conotação surda e intestina de resolver as esquizofrenias que o mundo impõe à mente do cristão, que acaba tendo a tendência de ser duas pessoas: uma “lá fora” e outra “aqui dentro”. É o fenômeno “cavalo de Tróia”, a que me refiro no livro *Icabode*.

Por falar em *Icabode*, o leitor vai notar que todos os textos estão contaminados pelas minhas preocupações com a modernidade. Continuo acreditando que o grande desafio da igreja, neste final de milênio, consiste em discernir os reais inimigos a serem vencidos em Canaã 2000. A boa terra, que mana leite e mel, tem segredos letais. Por um lado, é bênção e cumprimento de promessas; por outro, pode nos “destruir de sobre a face da terra”, conforme alertava Moisés reiteradas vezes em Deuteronômio 6, ao preparar o povo para avançar sobre a terra prometida.

Minha oração é que as reflexões aqui agrupadas ajudem alguns a encontrar rumos seguros e bíblicos para a construção e manutenção da identidade de povo de Deus, em meio aos confortos e seduções dadivosa e “desinteressadamente” oferecidos pela besta.

RUBEM MARTINS AMORESE  
*Brasília, 1998*

---

# 1.

---

## *A síndrome do escorpião*

REFLEXÃO SOBRE MODERNIDADE, PATERNIDADE E ESPERANÇA

Justificados, pois, mediante a fé, tenhamos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriemo-nos na esperança da glória de Deus. E não somente isto, mas também nos gloriemos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança. Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado. (Rm 5.1-5.)

*Quando a solidariedade desaparece numa sociedade consumista, superficial e obcecada por sensações novas, resta ao cidadão acuado, sem valores, sem ideais, sem perspectivas e sem esperança, dar uma picada em si mesmo, normalmente na veia.*

A medida que um grupo ou movimento vai se tornando mais visível no cenário nacional, ele passa a ser objeto de estudos e avaliações, das mais variadas naturezas. Os evangélicos, assim como os cristãos em geral, não fogem à regra. Vão-se mostrando ao mundo e vão-se transformando em teses de mestrado e em temas para programa de televisão.

Nesse sentido, o que se tem percebido é que somos vistos de forma polarizada: de um lado, caracterizados por uma postura doentia e masoquista diante da vida — do tipo que chega a ter prazer no sofrimento sem sentido; de outro, como incompreensivelmente ufanistas e triunfalistas — a despeito das evidências de convívio com a maioria dos problemas que atingem todos os mortais. Será um problema de comunicação ou realmente somos assim?

Talvez esse fenômeno esteja associado à forma como compreendemos e assimilamos trechos bíblicos, como esse em epígrafe. Trata-se de um texto absolutamente desconcertante, uma vez que fala de exultação e sofrimento, ao mesmo tempo: *gloriar-se* — exultar — *nas tribulações*. Está implícito, aí, um paradoxo de difícil resolução. Por um lado, tendemos a pensar que não é possível, em pessoas mentalmente saudáveis, a exultação associada à tribulação. Ao contrário, só imaginamos poder exultar na alegria, que é o contrário da tribulação. Por outro, somos tentados a imaginar o sofrimento como ausência de alegria e de paz. Se estamos em tribulação, não podemos, ao mesmo tempo, exultar. É loucura.

Como conseqüência, freqüentemente surge a mencionada polarização entre os crentes. De um lado estão aqueles que ficam com o sofrimento (as *tribulações*) como sinal de espiritualidade. Sofrimento esse entendido de múltiplas formas, tais como perseguições (aquele que quiser viver piedosamente será perseguido), oposição satânica, simplicidade de vida etc. De outro lado, colocam-se aqueles que são da exultação (o *gloriar-se*) como sinal de santidade. Para

esses, nada dá errado, o dinheiro é sempre abundante, não há doenças, dores, perdas nem pesares. Afinal, são filhos do Rei.

Gostaria de refletir sobre as implicações que essas duas formas de compreender a vida, resumidas nos dois lados do binômio glória-tribulação trazem sobre a educação de nossos filhos e sobre a edificação de nossas famílias, igrejas e sociedade. Minha proposta de compreensão desse assunto é que desloquemos um pouco o foco de nossa atenção do binômio glória-tribulação para a dualidade esperança-confusão. Entendo que o primeiro estabelece um espaço muito escorregadio para o exercício correto da paternidade responsável. No entanto, se soubermos educar nossos filhos, sejam naturais, sejam da fé, dentro do espaço da tensão confusão-esperança, haveremos de construir famílias, igrejas e conseqüentes sociedades caracterizadas pelo sobrenatural de Deus.

### *Esperança e confusão*

Nosso texto bíblico nos ensina que o resultado imediato da justificação mediante a fé não é o “gloriar-mo-nos” nem mesmo “as tribulações”, mas sim a “paz com Deus”: “Justificados, pois, mediante a fé, tenhamos paz com Deus” (Rm 5.1).

Gloriar-se nas próprias tribulações aparece em terceiro lugar na escala de conseqüências dessa justificação. Primeiro, temos “paz com Deus”; depois, “gloriamo-nos na esperança da glória de Deus” e, finalmente, vamos além do impensável e “gloriamo-nos nas próprias tribulações”, porque elas são um fato da vida e precisam ser incorporadas como elemento existencial da nossa teologia. Sem inferioridades nem ufanismos nem paranóias.

Dessa forma, tanto a exultação quanto o sofrimento devem fazer parte da nossa experiência de espiritualidade cristã;

mas não como pólos de uma dualidade, como se devêssemos nos decidir por um deles. Como se devêssemos escolher se somos espiritualmente tão fortes que sempre nos gloriamos, ou se somos gente fraca, esquecida por Deus, gente da tribulação. Ou então, numa disputa mais medieval, decidir se somos da espiritualidade que sente prazer — gloria-se atavicamente — nas tribulações, chegando ao ponto de desejá-las ou da auto-flagelação. A verdadeira dualidade, os verdadeiros pólos, entre os quais nossa vida oscila, e dentro dos quais nossa espiritualidade se fortalece ou se consome — inclusive nos habilitando para enfrentar adequadamente “as próprias tribulações” — são *esperança* e *confusão*. Estes, sim, são pólos antagônicos. Estes, sim, são auto-anulantes. Estes, sim, são objeto de conflito cósmico entre o Altíssimo e seu arquinimigo. Destes, sim, podemos dizer que onde há um não pode existir o outro. Não há esperança na confusão, e não há confusão na esperança.

É interessante notar, de passagem, que o livro da Bíblia em que a palavra *esperança* mais aparece é o de Jó. Ali, a batalha entre a glória e a tribulação é muito clara. Está em jogo a definição que a criatura haverá de dar à sua vida, dependendo de como sua alma puder responder à tribulação. A confusão, como sinônimo de derrota e vergonha, neste caso, seria verbalizada na sugestão satânica: “amaldiçoa teu Deus e morre”. Por outro lado, uma vez que as tribulações chegaram de modo inegável e indisfarçável, onde buscar a força que viabilizasse uma atitude inversa? De que fonte tirar essa água; de que pote tirar esse vinho; de que niqueleira tirar essa moeda preciosa, a exultação, o gloriar-se? E a resposta atravessa os séculos e nos chega límpida e cristalina: “Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado” (Rm 5.5).

Diz Paulo, ainda: “Porquanto a Escritura diz: todo aquele que nele crê não será confundido” (Rm 10.11).

Repare que a palavra *esperança* aparece na Bíblia como elemento integrante da própria espiritualidade, ao contrário da exultação, que é consequência dela. Assim, ao terminar de expor o “caminho sobremodo excelente” aos coríntios, Paulo diz: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor” (1 Co 13.13).

De tudo o que o homem pode buscar, de tudo o que Deus pode lhe dar como dádiva do Espírito, de todos os carismas e virtudes com que a santidade de Deus pode impregnar um ser humano, haverão de permanecer estes três: a fé, a esperança e o amor.

Temos, assim, um trio que nos é apresentado como a fina flor da espiritualidade, a nata da santificação, o cume do monte, o ouro que sai da fornalha, o cheiro do incenso: de um lado, a fé, que abre a porta (“justificados, pois, *mediante* a fé...”) mistério de Deus entre os homens; de outro lado, o amor (“porque o amor de Deus é derramado em nossos corações...”); entre os dois, protegido como um frágil bibelô, como uma pérola negra em sua ostra, onde foi gerada e alimentada, a esperança, que nos dá força para subir as escadarias da vida cristã, formadas por tribulação, perseverança, experiência e, de novo, esperança de novos e mais altos vãos.

Nas Escrituras, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, a palavra “esperança” se confunde com o próprio Deus. Em Romanos 15.13 Ele é chamado de “Deus da esperança” e em Jeremias 14.8, de “esperança de Israel”.

De tal forma a palavra é central na fé cristã, que confunde-se também com o próprio evangelho e sua correspondente salvação. O autor de Hebreus usa uma palavra pela outra, quando diz: “se guardamos firme, até ao fim a ousadia e a exultação da esperança” (Hb 3.6); “Desejamos, porém, continue cada um de vós mostrando até ao fim a mesma diligência para a plena certeza da esperança” (Hb 6.11); “... a fim de lançar mão da esperança proposta” (Hb 6.18);

“Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel” (Hb 10.23).

Esperança da glória: essa é a relação teológica que o Deus bíblico inspira naqueles que o amam. Não somente nos gloriamos na esperança da glória de Deus, como nos exorta o nosso texto, mas seu próprio Filho se torna, em nós, esperança: “a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, Cristo em vós, esperança da glória”.

Quando a esperança se vai, quando o trio se parte e imaginamos que nos resta apenas a fé e a caridade, sem nos apercebermos do quanto a esperança é vital para a manutenção daqueles dois; quando perdemos a capacidade de olhar para o futuro, porque nele há apenas o imponderável, em cada esquina se esconde uma dificuldade e, depois dela, o vazio, o nada. Quando o sofrimento nos magoa, nos impacienta e nos fere ao ponto de nos tornar a vida amarga e sem perspectivas, então, somos capazes de dizer como Israel no cativeiro, ao saber que Jerusalém fora saqueada e queimada: “Os nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança; estamos de todo exterminados” (Ez 37.11).

Frustrados, envergonhados, decepcionados, exterminados... Confusos! Entendeu, leitor, por que dissemos anteriormente que não há esperança na confusão, e não há confusão na esperança? É porque na Bíblia os dois termos são antônimos. Confusão é o contrário de esperança. É a ausência desta.

No entanto, sabemos que confusão não é da natureza do nosso chamado; não é essa a nossa índole; não é esse o nosso legado; não é essa a nossa herança; não é esse o nosso evangelho; não é esse o nosso Deus. Ao contrário, somos filhotes da esperança, somos herdeiros da ressurreição. Somos, muitos de nós, gente da tribulação, “que sabe o que é padecer”, é verdade, mas somos também gente da esperança.

Vão-se os bens, vão-se os amigos, vão-se os entes queridos, vão-se os prazeres, vai-se a mocidade “e chegam os anos dos quais dirás: não tenho neles prazer”, mas nós

permanecemos, inexplicavelmente, sobrenaturalmente, firmes porque “a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado” (Rm 5.5). Dizemos, juntamente com Lutero:

Se temos de perder  
Família, bens, prazer,  
Se tudo se acabar,  
E a morte nos chegar,  
Com Ele reinaremos!

Porquanto a Escritura diz: “todo aquele que nele crê não será confundido” (Rm 10.11).

### *Paternidade e esperança*

Se somos cristãos, então a esperança é o nosso alimento. Esperança é o nosso negócio. Somos agentes da esperança; esperança é o nosso ministério, e nos tornamos ministros da reconciliação e ministros da esperança. Esperança é o nosso legado aos nossos filhos. Se não temos esperança para legar, nossos filhos nada herdarão. Ao contrário, correm o risco de, na falta de algo melhor, herdarem uma perniciosa fixação e idolátrica dependência dos bens que lhes deixarmos.

Este pensamento nos leva ao nosso próximo ponto. O que haveremos de legar aos nossos filhos? Qual é a grande herança que nossas famílias lhes têm deixado?

Para algumas famílias, a grande preocupação é de legar aos filhos uma vida mais confortável — que eles não passem pelas dificuldades financeiras que eles mesmos tiveram de passar, no início da vida adulta. Preocupam-se, assim, em deixar-lhes uma boa poupança, um apartamentinho montado, um escritório instalado, sua clínica já em andamento etc. Parece-me natural que queiramos esse conforto para nossos filhos.

Outros se preocupam com outro tipo de legado. Dizem assim: “minha herança é um curso superior”. Outros, ainda,

buscam oferecer aos seus filhos viagens ao exterior ou fornecer-lhes, através de cursos ou intercâmbios, uma boa experiência internacional e alguma bagagem cultural: “Não há inflação, não há crise que tire o que estiver na sua cabeça”.

Mesmo no âmbito social, encontramos essa preocupação, por exemplo, no que diz respeito à questão ecológica. Os ecologistas dizem: “a preservação de hoje é uma dívida para nossos filhos e netos. Se não cuidarmos do meio ambiente hoje, legaremos uma terra devastada para eles”. Gilberto Gil disse, numa campanha institucional, que todo o reino que um príncipe assumisse seria um “empréstimo aos nossos filhos”.

O governante diz: “precisamos sanear as finanças rapidamente, para que nossos filhos encontrem a curva feita e o terreno aplainado.

Esse discurso, tão comum e tão disseminado em nosso meio, parece nos dizer que as pessoas estão interessadas no futuro de seus filhos. Parece que percebem, de alguma forma, que há responsabilidades imensas na paternidade. De alguma forma, na sua linguagem específica, estão verbalizando uma compreensão nem sempre muito consciente, de que lhes cabe a incumbência de legar aos seus filhos e filhas um mundo melhor do que aquele em que vivem. Em outras palavras, mesmo sem saber, querem construir um amanhã de *esperança* para as novas gerações.

Queremos para nossos filhos uma vida melhor do que a que hoje temos. E como temos feito isso? Temos buscado construir uma sociedade sem tribulações. A todo custo, buscamos eliminar a dor, o cansaço, o sofrimento, a privação, a decepção, a confusão.

Parece-me normal que fuçamos da dor. Afinal, quem gosta de sofrer? Não fomos feitos para isso. O que me chama a atenção, no entanto, é o fato de que nossa geração absolutizou esse instinto de preservação a tal ponto que se tornou uma geração hedonista, ou seja, voltada para o prazer. O resultado

de uma busca do *prazer a qualquer preço* e de uma fuga incondicional da dor, com suas elaborações secundárias correspondentes — do tipo: dor é derrota; sofrimento é humilhação; prazer é vitória, é superior, é glória, é conquista; você merece o prazer — nos tem levado a criar uma civilização de obesos.

Em plena era da saúde corporal e da cultura física, somos, paradoxalmente, obesos físicos, morais e intelectuais. Tudo o que produz dor deve ser evitado e desprezado como fenômenos inferiores da vida. Se não conseguimos evitar que aconteçam, então os escondemos, até de nós mesmos. Armamos um sorriso, passamos um gel no cabelo, uma maquiagem leve para tirar a sombra da olheira — e vamos à luta. Assim, desejamos o conhecimento, mas sem a dor do estudo; desejamos ser saudáveis, mas sem ginástica nem verduras; desejamos justiça, desde que não tenhamos de abrir mão de nossos desejos. Já não construímos um casamento durável, porque não somos capazes de “sofrer” a obra de construção: compramos pronto e, quando cansamos, trocamos por um novo.

A síndrome dos *baixos teores*. Somos uma geração *light*. Somos uma geração que não mais é capaz de ver esperança na disciplina. Uma geração que perdeu de vista a esperança que nela reside, e tornou-se incapaz de construí-la na vida de seus filhos. Disciplina não é *cool*.

A esperança é base para a disciplina. Se vivemos a lógica do “comamos e bebamos porque amanhã morreremos”, não há porque disciplinar nossa vida e a de nossos filhos. Disciplina é dor, é privação, ainda que com um fim proveitoso. Mas se não há esperança, não há por que esperar. Não há por que construir.

O que é pior nisso tudo é que, sem disciplina, não se forja no ser humano o caráter da esperança. Sem disciplina não há esperança. O apóstolo Paulo parece compreender essa realidade muito bem, quando exorta filhos e pais a esse